

Banqueiro diz que é 'imprescindível' País renegociar a dívida

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

A renegociação ampla da dívida externa brasileira "é matematicamente imprescindível", disse ontem, em Porto Alegre, o diretor-geral para o Brasil do Banco Europeu para a América Latina (Beal), Milto Bardini, acrescentando: "A persistência das atuais condições nos põe face a face com o ônus que o Brasil deve arcar e que é superior à sua capacidade de geração de recursos líquidos oriundos dos superávits na balança comercial".

Ele afirmou que o Brasil dispõe de credibilidade perante os credores externos, argumentando que "a situação econômica brasileira é sadia, em termos de potencialidade de recuperação, e este é um dos maiores fatores de credibilidade que detém. O País está atravessando uma fase de liquidez extremamente estreita. Então, há que se conciliar o potencial futuro com as necessidades presentes. É de se esperar que a comunidade internacional e, mais que ela, o Brasil criarão instrumentos que venham a lançar a ponte entre estes dois elementos".

O diretor do Beal fez, porém, um alerta: "Esta credibilidade que é intrínseca ao Brasil como país deve ser corroborada pela credibilidade de sua administração. Um esforço deve ser feito pelo Brasil no sentido de administrar mais adequadamente suas contas internas, sua inflação, suas despesas públicas e seu orçamento em geral. Não haverá da parte dos credores condescendência e nem mesmo compreensão se em uma primeira etapa o País não demonstrar que fez o que pôde". Acrescentou que "alguns passos já foram tomados nesse sentido, e deverão ter sua concretização mais visível no primeiro semestre de 1984. Credibilidade não se recebe, conquista-se."

Ainda sobre a questão da credibilidade do Brasil perante os credores externos, Milto Bardini disse que a comunidade financeira internacional "situa o caso brasileiro em um contexto global; sabe que o Brasil não é o único país que atravessa dificuldades, nem o único com problemas para cumprir suas metas. A comunidade internacional está consciente de que a crise é global, e de que as soluções discutidas para e com o Brasil são inícios de soluções e não podem ter caráter permanente e definitivo. Todos desejam que 1984 dê ocasião ao Brasil de apresentar um plano de recuperação que seja ao mesmo tempo de longo alcance e que contenha credibilidade suficiente — mesmo que ela venha a exigir dos bancos internacionais um esforço maior do que atualmente estão consentindo. O que todos — os bancos e o Brasil — desejam é que a solução possa ser definitiva".

"O atual sistema financeiro internacional — prosseguiu — não tem veículos constituídos, sob formas de instituições ou modalidades de empréstimos e investimentos que supram as necessidades próprias da dimensão do problema brasileiro. A renegociação que provavelmente se desenvolverá em 84 deverá transcender os esquemas atuais, quer seja em prazos, em condições e mesmo em instituições internacionais."

Indagado sobre qual seria a tendência das taxas de juros no próximo ano, Bardini afirmou: "A importância da taxa de juros é relativa à inflação à qual deve ser comparada. Basicamente, entendo que o governo segura a alavanca principal para determinar se ela aumentará ou diminuirá. É o maior ou menor déficit público que fará com que ele tenha maior ou menor necessidade de colocar papéis no mercado, que constituem o parâmetro básico para as outras taxas creditícias".